

KUREKO MĪRAN E KAMAGISA ETSUTÜHÜGÜ, UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA E CULTURAL

Anna Carolina Gonçalves DIAS¹

Recebido: 19/06/2025

Aprovado: 22/12/2025

Resumo

Neste trabalho iremos discutir a notória importância da arte verbal para os povos indígenas. Seu uso, ao longo da história, perpetuou seus conhecimentos e vivências, bem como contribuiu para a manutenção de suas línguas até hoje, tornando-se uma ferramenta de resistência. A partir disso, criou-se uma grande vertente de estudos voltados para as narrativas orais, observando em sua estrutura elementos linguístico-culturais e seu uso dentro dessas sociedades. O presente trabalho, tem como objetivo desenvolver estudos comparativos de duas narrativas: *Kureko Miran* e *Kamagisa etsutühügü*, pertencentes ao povo Ikpeng e Kalapalo, respectivamente. Para tal, utilizaremos as definições de Propp (2009[1929]) em sua classificação das esferas de ação. As duas narrativas possuem o mesmo eixo temático: viagem ao mundo dos mortos – o que nos permitiu verificar incidências comuns, a saber: a presença de efígies mortuárias e humanos em estado de metamorfose. Para tal análise, utilizaremos, principalmente, trabalhos de Propp (2010[1929]), Franchetto (2003) e Guerreiro Junior (2008). Essa pesquisa, ainda em desenvolvimento, já nos traz resultados satisfatórios, no que diz respeito às semelhanças culturais em ambos os povos, bem como contribuições para o enriquecimento dos estudos sobre povos Karib.

Palavras-Chave: Arte verbal. Povo Ikpeng. Povo Kalapalo.

KUREKO MĪRAN E KAMAGISA ETSUTÜHÜGÜ, A LINGUISTIC AND CULTURAL ANALYSIS

Abstract

In this work we will discuss the notorious importance of verbal art for indigenous peoples. Its use, throughout history, perpetuated their knowledge and experiences, as well as contributed to the maintenance of their languages until today, becoming a tool of resistance. From this, a large strand of studies focused on oral narratives was created, observing in its structure linguistic-cultural elements and use within these societies. The present work aims to develop comparative studies of two narratives: *Kureko Miran* and *Kamagisa etsutühügü*, belonging to the Ikpeng and Kalapalo people, respectively. To this end, we will use Propp's definitions (2009[1929]) in his classification of spheres of action. Both have the same thematic axis: travel to the world of the dead – which allowed us to verify common incidences, namely: the presence of mortuary effigies and humans in a state of metamorphosis. For this analysis, we will mainly use works by Propp (2010[1929]), Franchetto (2003) and Guerreiro Junior (2008). This research, still in development, already brings us satisfactory results, with regard to cultural similarities in both peoples, as well as contributions to the enrichment of studies on Carib peoples.

Keywords: Verbal art. Ikpeng people. Kalapalo people.

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos (UFPA). <https://orcid.org/0000-0002-0472-3498>.

DIAS, Anna Carolina Gonçalves. Kureko miran e kamagisa etsutühügü, uma análise linguística e cultural. In: Revista *Falas Breves*, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

Introdução

Até pouco mais de 1980, era insólita a fala sobre o tema: arte verbal. Naquele momento, o que era sabido a respeito da oralidade de um povo, restringia-se, em grande parte, às lendas e histórias gravadas na memória. Por muito tempo, julgou-se que esses relatos eram irreais e/ou inventados por uma dada comunidade. Na grande área da Linguística, surgiu o englobamento de narrativas orais em análises sintáticas no pós transcrição/tradução, restringindo-as a um texto/objeto, dentro de uma dada língua e povo. Conforme o aguçar da visão científica, pode-se dizer que Hymes (1986) fez um novo curso para esse tipo de estudo no meio científico-acadêmico.

In vain i tried to tell you, de Dell Hymes, exhibe um novo formato de análise da arte verbal, que não se limita apenas a questões de documentação e literárias, mas que buscam investigar suas nuances através da interpretação desses relatos – paralelo ao conhecimento cultural da etnia estudada. A partir disso, pode-se perceber um pouco da importância da oralidade para a história de um povo, pois ela traz uma preciosa base para o entendimento das mais diversas áreas de pesquisa.

Importante salientar que Hymes precisou ser enérgico dentro da academia, pois havia certa resistência em trazer as narrativas para o âmbito linguístico – sob essa nova perspectiva. O que era aceito, naquela conjuntura, era a alocação delas dentro dos estudos literários – pois, era o que as resumiam. O autor usou como principal arma de defesa, o fato de elas serem uma forma de linguagem e usarem a língua, bem como seus recursos. Portanto, tratava-se também de um trabalho linguístico.

Todo o cenário descrito até então – povos, oralidade, história – compõem a égide da arte verbal, que nasce justamente das vozes daqueles que contam a história de um povo. Eles são pilares essenciais dentro de uma comunidade, pois além de estabelecerem a perpetuação de sua cultura, explicam particularidades dela, relacionadas às suas convicções, modo de vida e costumes. Assim exemplificam Onlson & Torrance, em *Cultura escrita e oralidade*.

As raízes da oralidade como identificadora de uma condição de comunicação social e talvez de conhecimento social são tão óbvias em nosso presente quanto em nosso passado. A dimensão histórica é básica, embora se possam destacar, até os dias de hoje, a contínua presença e a validade daquilo que está sendo chamado, em nosso meio, de consciência oral (Onlson & Torrance, 1995. p. 23).

Partindo dessa reflexão, o trabalho com narrativas orais dos povos originários dispõe de uma ampla gama de possibilidades de análise e interpretação, que serão discutidas e dialogadas ao longo desse trabalho, em um pequeno recorte. Através desse estudo foi permitido reforçar o entendimento de que a ausência de uma língua escrita, torna a oralidade uma chave tão importante nas pesquisas, pois ela guarda riquezas do que já foi vivido por cada povo estudado.

As narrativas orais, que são propagadas de geração em geração pelos povos indígenas, promovem o entendimento da organização dessas etnias em sociedade. Seu caráter social, sob o olhar criterioso de muitos estudiosos, possui além da poética evidente. Elas refletem a forma de pensar que um povo possui sobre o mundo em que vive – inclusive sua cosmogonia. Através dos relatos e memórias coletados, cada etnia tem sua afirmação de existência, pois não se trata aqui de mitos ou folclore – categorizados, erroneamente, diversas vezes, como “histórias de mentira” em contrapartida com as “histórias de verdade”. Trata-se de relatos direcionados ao ponto de partida da vida desses povos.

Com esse acerto, foram escolhidas duas narrativas a serem analisadas nesse trabalho. A primeira é *Kureko miran*, História de Kureko, do povo Ikpeng. O citado povo vive no Parque Indígena do Xingu (PIX), na região do médio Xingu. De acordo com membros da comunidade, atualmente a população está em 661 habitantes (Dias, 2019). Assim como os demais povos indígenas, os Ikpeng tiveram um contato bastante complexo com os brancos, o que os fez ter muitas perdas em sua cultura. No entanto, muito ainda se salva através das narrativas orais que os anciãos contam às gerações atuais e ao permitirem que as mesmas sejam documentadas em projetos de pesquisas vigentes.

A segunda, *Kamagisa etsutühügü*, Kamagisa cantou pela primeira vez, pertence ao povo Kalapalo. Assim como a etnia anterior, os Kalapalo também vivem no PIX mas, estes habitam a região do Alto Xingu. Pelos dados do Instituto Socioambiental (ISA), de 2014, há cerca de 669 membros da etnia, nessa região. A narrativa é um importante capítulo na história desse povo, pois trata de uma valiosa tradição: as efígies mortuárias usadas no *Kwarip*².

Os dois povos citados, além de viverem em um TI em comum, também compartilham a mesma família linguística: Karib. Para essa pesquisa, foi escolhido um eixo temático em comum entre as

² Realizado no TI do Xingu, trata-se da celebração aos mortos. Ele é acompanhado de danças, lutas e choros. DIAS, Anna Carolina Gonçalves. Kureko miran e kamagisa etsutühügü, uma análise linguística e cultural. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

duas narrativas: viagem ao mundo dos mortos. Tal tema permitiu ver similaridades no que diz respeito ao pensamento e às práticas exercidas em ambos os povos quando voltados para a concepção cristã de inferno/céu. Esse estudo possibilita pensar em traços comuns e/ou partilhados em algum momento da história de formação dessas etnias e que são possíveis de serem identificadas através da oralidade.

1. Referencial teórico

Conceitua-se o termo arte verbal a partir das concepções de Franchetto (1986 p. 312) que trata a oralidade como peça importante para a manutenção dos povos originários. A autora considera os relatos orais enquanto ligação entre: texto, narrador e a própria língua. A partir dessa dita arte verbal, também podemos ver os níveis da língua, bem como variações e demais particularidades sociolinguísticas que ela possui. Outro ponto muito importante – e extensivamente discutido por Franchetto – dentro do estudo com narrativas orais é a identificação de recursos poéticos que o narrador utiliza, que a autora chama de “efeitos literários”, além de todo o conjunto necessário para que a ele prenda seus ouvintes: gestos, entonação, uso de ideofones.

A arte verbal, possui vasta riqueza linguística e estética, e deve ser tratada de igual forma como as demais áreas de estudo. As narrativas produzidas em diversas gerações, como Propp (2010 [1929]) defende, nos explicam a organização social das etnias estudadas. Para a literatura, em geral, trata-se de relatos de povos antigos, que remontam a história de seus antepassados. Dito isso, é evidente sua vasta riqueza linguística e estética, e por isso, precisa ser tratada com igual importância às demais áreas de estudo.

Para além de tudo isso, a oralidade produzida por esses povos reflete a cosmogonia de cada em relação ao mundo externo ao seu. Seja pelo aspecto de universo que o ocidente conhece ou às particularidades que somente cada etnia possui. Através da oralidade, cada etnia tem sua reafirmação de existência, pois ela é uma forma de resistência e força desses povos. Pomerquenpo Txicão (2022) ressalta que as pessoas que são designadas para repassar esses relatos, são consideradas bibliotecas culturais, por terem a tarefa sublime de levar o legado de seu povo, através da língua e da oralidade.

É notório então, que a análise de tais textos, em sua realidade escrita ou verbalizada, possui vastas possibilidades, pois cada formatação nos permite ver diferentes vieses. Tratando do texto escrito, utilizamos os arquétipos definidos por Propp (2010 [1929]). O autor determina sete esferas

de ação a serem identificadas em narrativas. Ambas, não são obrigatórias em conjunto, mas em todas as análises que o autor fez em sua obra *Morfologia do conto maravilhoso*, pelo menos uma foi identificada. Sua ocorrência se deve à uma ordem lógica em que os personagens executam suas tarefas dentro do texto. Propp utilizou um vasto material de contos russos e fez uma proposta metodológica de análise desses textos. As temáticas são diversificadas e possibilitaram uma visão muito satisfatória de sua pesquisa. Sendo assim, os arquétipos categorizados pelo autor seguem abaixo:

Antagonista ou malfeitor, é demarcado para o personagem que prejudica o herói ou outros personagens, dentro do conto. Para que essa esfera seja identificada, é preciso que tal personagem tenha gerado algum tipo de dano, seja corporal, um roubo ou furto, alguma mentira. As ocorrências são diversas, mas todas ficam classificadas como dano. Outra incidência para essa esfera é para situações em que ocorram o combate entre herói e malfeitor – podendo ser armado ou apenas ideológico. E, por fim, quando há uma perseguição a alguém dentro da narrativa. É uma esfera bastante comum nos contos, em geral, e é feita por aquele que é popularmente conhecido como “vilão”.

Doador ou provedor, é a segunda esfera categorizada pelo autor, que executa dentro das narrativas o que seu próprio nome diz: uma doação. Também pode ser interpretada como algum tipo de ajuda. Propp o coloca em duas formas de ocorrência: quando o doador entregue algum objeto mágico ou de grande valia ao herói ou quando ele fabrica ou ajuda na confecção do mesmo. Sua incidência pode acontecer mais de uma vez, a depender da narrativa analisada.

Auxiliar, tal esfera é frequentemente confundida com a esfera anterior, Doador, no entanto, seu uso é um pouco mais específico dentro da narrativa. O auxiliar não está ligado intrinsecamente ao objeto mágico, e sim à função de auxiliar o herói na busca e até a descoberta ou encontro desse objeto, sendo assim, uma de suas características. Outro episódio que permeia sua categorização é o momento em que o dano causado pelo malfeitor é reparado, pois, em geral, o herói é ajudado para que obtenha êxito. Também se identifica a esfera em narrativas em que o auxiliar ajuda o personagem que está sendo perseguido ou quando ele ajuda em alguma tarefa difícil de ser executada. Por último, se ocorre alguma mudança física em algum personagem, geralmente nos momentos finais da narrativa, o auxiliar também está presente.

Princesa e seu pai, sua nomenclatura se dá pela idealização que o autor teve de uma criança que precisa de ajuda, mas se aplica a qualquer personagem que precisa ser salvo. Há várias incidências para essa esfera, inclusive no desfecho da história. A execução de tarefas difíceis, pequenos desafios que ponham em prova a força ou sagacidade do protagonista, a criação de algum estigma ou marca, a descoberta dos danos causado pelo malfeitor e seu castigo, consequentemente. E, por fim, o casamento, sendo esse interpretado não só como um matrimônio entre um casal, mas também como um momento de felicidade mútua entre a comunidade ou a obtenção de algum tipo de recompensa após os feitos do herói ao longo da narrativa.

Mandante, essa esfera é apenas para momentos em que alguém noticia ao herói algum dano causado pelo antagonista.

Herói, essa é a esfera mais evidente nas narrativas em geral, pois destina-se ao personagem que faz toda a movimentação dos contos. Para que ele ocorra, o autor considerou a ocorrência de situações, tais como: a busca por algo, seja algum objeto ou pessoa, a reação do personagem diante das intempéries vistas no texto e o casamento, no desfecho da história.

Uma importante observação feita pelo autor é que as esferas não ocorrem de maneira obrigatória nas narrativas, em geral. Mas, pelo menos uma deve ser vista. Há casos em que mais de uma esfera é ocupada por um dado personagem, o que comumente se vê entre auxiliar e doador, assim como há personagens que possuem várias esferas. Tais incidências não prejudicam sua nomenclatura, tampouco a análise da narrativa, apenas demonstram a riqueza morfológica dela. Vistas as esferas categorizadas por Propp, a seguir veremos um resumo detalhado de cada narrativa escolhida para que então seja feita a análise.

2. As narrativas

2.1 Kureko Miran

A história de Kureko é uma narrativa sobre a origem do povo Ikpeng. Ela foi documentada por Angela Chagas e Ingrid Lemos (2009) através do projeto de Documentação de Línguas Indígenas (PRODOCLIN).

“A história de Kureko” conta sobre dois irmãos, gêmeos, que saem com um grande grupo, em uma caçada, enquanto os outros ficam na aldeia, dançando. Um dos membros do grupo que vai caçar, DIAS, Anna Carolina Gonçalves. Kureko miran e kamagisa etsutühügü, uma análise linguística e cultural. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

vê alguns macacos nas árvores e começa a imitá-los, respondendo ao canto dos animais. Apesar dos alertas de um parente mais velho, o garoto insiste e, como castigo, os macacos disparam urina no grupo, transformando-os em primatas também. Em seguida, o narrador explica que, na aldeia, situação semelhante acontece com o povo que ficou pois, eles entoam uma canção proibida e, por isso, são engolidos pela terra – indo para o mundo dos mortos.

A partir daí, os irmãos *Kureko* partem em uma busca dos demais nos arredores da aldeia. O *Kureko* mais novo é o protagonista que se destaca nas peripécias durante a narrativa. Separando-se do mais velho, ele vai ao rio e depara-se com o peixe *Tomuko* – que é bastante grande e raro, por isso a primeira atitude do guerreiro é de matá-lo. O peixe, na verdade, para salvar sua própria vida, decide falar ao *Kureko* que sabe onde sua família está e mostra a ele um caminho embaixo d'água, conduzindo-o ao outro mundo, em uma espécie de portal para o mundo dos mortos.

Na concepção dos Ikpeng, não se deve olhar por muito tempo para lagos e rios, pois eles acreditam que entidades e seres de outros mundos surgem para prejudicar os vivos e até mesmo matá-los. O mesmo se aplica ao céu e ao chão e isso nos explica o porquê de os parentes que ficaram na aldeia, dançando, terem sido engolidos.

Ao atravessar o portal, *Kureko* vê sua mãe e todos os parentes, já mortos. A mãe, por sua vez, quando o vê, pede ajuda e instrui uma tarefa para ele, que irá ressuscitar todos os parentes mortos, inclusive os que foram transformados em macacos. A tarefa consistia em trazê-los à vida através de elementos essenciais para a formação dos Ikpeng: algodão, amendoim, pedaços de madeira, e sementes que estavam no colar da irmã do protagonista. A irmã, por sua vez, tornou-se um ser “anormal” e por isso, é temida pelos demais que estavam no outro mundo.

Kureko consegue retornar e junto com seu irmão mais velho, corta vários troncos de árvore – todos foram previamente ditos por sua mãe – e plantam neles as sementes para o ressurgimento de seu povo. Completada a tarefa, passado um dia, eles retornam e veem que tudo deu certo. Todos estavam de volta à aldeia – os que estavam embaixo da terra e os que foram transformados em macacos.

2.2 Kamagisa etsutühügü

“*Kamagisa* cantou pela primeira vez” retirada do livro *On this and other words* (2017) de Bruna Franchetto e Kristine Stenzel, pertence ao povo Kalapalo. Essa narrativa relata um importante rito dessa etnia, realizado no festival *Kwarüü*, no PIX (Parque Indígena do Xingu). Ela explica sobre o uso das efígies mortuárias, que são feitas durante essa festividade.

Kamagisa é um jovem guerreiro que não conseguiu consumir seu casamento, pois sua esposa o rejeita. Sua vida é triste, pois seu casamento não é reconhecido por sua família e demais membros de sua comunidade. Seu sogro, vindo do mundo dos mortos, aparece para ele e o ajuda. Ele o ensina como deve ser feito para que ocorra a consumação.

Na casa do sogro, no alto de uma montanha, o guerreiro consegue então dormir com sua esposa – que possui aparência de serpente. Aos poucos, conforme as noites se passam, em casa, ela vai tomando forma humana. Em uma visita à aldeia da mãe de *Kamagisa*, os parentes começam a enxergar o cabelo dela e demais feições, que antes não podiam ser vistas, por sua condição metamórfica.

Ao retornar para a aldeia da esposa, chega o momento em que o sogro ensina ao genro o canto das efígies mortuárias. Seu sogro, no mundo dos mortos, é responsável por esse canto e precisa de alguém para acompanhá-lo – e o genro é o escolhido. Sabendo de sua tarefa e da grande honra que é tê-la, o guerreiro pede à sua mãe que faça sua efígie. Ele lhe dá instruções sobre como deve ser feito: com algodão, em um tronco de árvore.

A mãe faz a efígie com o rosto semelhante ao do filho, pois é através dela que ele irá adentrar ao mundo dos mortos – e de onde nunca mais retornará. Ele agradece e canta. Seu canto é, na verdade, um canto fúnebre. Sua mãe chora e sofre, pois sabe de sua partida. No entanto, sua missão e de seu sogro é essa. O canto de *Kamagisa*, é seu primeiro e último canto para o mundo dos mortos.

3. Kureko e Kamagisa: o que encontramos?

A partir da leitura das duas narrativas, pudemos verificar similaridades que elas compartilham. As incidências vistas a seguir, são direcionadas para questões culturais, cosmogônicas e cosmológicas de cada povo estudado, dentro de sua estrutura. A partir do referencial de Propp (2010[1929]) e Franchetto (1986, 2003) listamos e comentamos cada uma.

A primeira esfera identificada foi: **Auxiliar**. Na narrativa Ikpeng, essa esfera é alocada para o personagem do peixe *Tomuko*, que ajuda o Kureko mais novo e o conduz até o portal, que fica embaixo do rio, para que ele encontre seus parentes, no outro mundo. Já na narrativa do povo Kalapalo, ela é rotulada para o sogro de Kamagisa, que o ajuda na consumação de seu casamento e o ensina o canto das efígies mortuárias. Por se tratar de uma ajuda ao personagem em questão – o herói – categoriza-se essa esfera em comum às duas narrativas.

A segunda esfera foi: **Doador**. Na narrativa Kalapalo, a mãe do protagonista, entrega a ele sua efígie mortuária, previamente fabricada por ela. O mesmo ocorre com a mãe de Kureko, que entrega à ele todos os objetos necessários para que seja feita a ressurreição de seu povo. Identificamos também que, as duas doadoras, em ambas as narrativas, são as mães dos personagens. Além disso, os objetos doados são utilizados para fins semelhantes, que ao fim, levam ao mesmo local: o contato com o mundo dos mortos. Nos Kalapalo, o objeto é usado como portal para a morte de Kamagisa, levando o personagem do mundo dos vivos. Com os Ikpeng, ocorre o inverso, o objeto-portal é usado para trazer os personagens do mundo dos mortos para o dos vivos, estabelecendo o mesmo contato. Outra característica semelhante é que os objetos confeccionados possuem dois elementos da natureza fundamentais para esses povos: as toras de madeira e o algodão.

A terceira esfera encontrada foi: **Princesa e seu pai**. Identificamos que os dois heróis da narrativa são vítimas de infortúnios que causam uma espécie de carência neles. Kureko sente a falta de seus parentes e Kamagisa sofre rejeição de sua esposa. O decorrer das duas narrativas os leva à solução de tais infelicidades. Outra incidência pertinente na esfera e que ambos possuem é a do estigma, dentro da narrativa. Kureko é reconhecido em sua aldeia como um grande herói que salvou a todos e Kamagisa é reconhecido por sua morte heroica, pois ela é justificada pela necessidade que os seres do outro mundo têm de uma pessoa que conheça o canto sagrado e possa entoá-lo.

A saída de Kamagisa da aldeia, com sua morte através do canto, não é vista de maneira ruim ou triste, apesar de tratar-se de uma morte. Ele torna-se um guerreiro digno de tal tarefa e isso é motivo de orgulho para sua família e sua esposa. Por isso, consideramos um desfecho feliz para todos os personagens. O mesmo ocorre para *Kureko* que ao reestabelecer todos de sua comunidade, promove um grande banquete em comemoração. Esse encerramento também é categorizado na esfera rotulada.

A última esfera: **Herói**. como comentado ao longo desse texto, os dois heróis de cada narrativa são Kamagisa e Kureko. Pela nomenclatura de Propp (2010 [1929]), Kamagisa é um herói vítima e Kureko é buscador. A diferença se dá pelas diversas ações que Kureko faz ao longo da história, sendo mais dinâmico que Kamagisa. Dentre as semelhanças exigidas pela esfera, são elas: a busca por algo, que ambos executam – além de o objeto ser o mesmo – uma urna mortuária. Ambos possuem reações a partir das intervenções do doador, utilizando os objetos doados para a resolução de seu infortúnio. E o final que almejavam é alcançado. Todas essas características são contempladas na esfera **Herói**.

Essas são as esferas identificadas após a análise das duas narrativas. Através dessa identificação e reflexão, foi possível ter uma visão de um contexto de similaridades e, conseqüentemente, de uma estrutura que aborda questões semelhantes de maneira igual, em boa parte. Pode-se notar que pelo olhar desses dois povos Karib, o mundo dos mortos é um local acessível pelos vivos. Os personagens puderam resolver suas pendências pessoais e coletivas através do acesso a esse local e com a ajuda das mães em ambos os casos. Isso corrobora as diferenças cosmogônicas que os povos indígenas possuem para com os seus colonizadores, além de reanimar pesquisadores em geral, para a importância da manutenção e revitalização das línguas desses povos – e tudo mais que ela possa oferecer a eles.

Considerações Finais

Ao fim preliminar dessa pesquisa, que é um recorte de uma dissertação, percebe-se a importância da arte verbal para os povos em questão, pois através dela podemos ver semelhanças que eles possuem. As narrativas oralizadas guardam sutilezas que por vezes passam despercebidas, se analisadas apenas do ponto de vista morfossintático. Reforçamos a necessidade de um olhar sensível à arte verbal dos povos originários bem como o respeito em sua interpretação, sabendo-se que tratamos de pensamentos diferentes do ocidental, comumente vividos pelos pesquisadores não-indígenas.

Outra importante contribuição é a reafirmação do trabalho de Propp em sua metodologia de análise, que mais uma vez, encaixou-se em uma narrativa diferente do escopo que ele, originalmente, trabalhou – as russas. Percebemos que, através das esferas estabelecidas pelo autor, as semelhanças entre as artes verbais selecionadas, dos dois povos, são ainda maiores. Não findando-se aqui, essa

pesquisa, almejamos ampliar cada vez mais nossos conhecimentos desses povos e de sua cultura, através de sua oralidade.

Bibliografia

- CALVET, Louis-Jean. **Tradição oral & tradição escrita**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2011.
- DIAS, Anna Carolina Gonçalves. Análise da Morfologia estrutural da narrativa oral Ikpeng Maruri Mirangmo – História de homens brancos e Índios, Segundo Vladimir I. Propp. (2019). Monografia – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, PA.
- FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção, edição e organização). *Kaká Werá e a sua ecologia do ser*. In: Templo Cultural Delfos, dezembro/2021. Disponível no link. (acessado em 30/08/2022).
- FRANCHETTO, Bruna. Falar kuikuro: estudo etnolinguístico de um grupo karib do Alto Xingu, tese de doutorado. UFRJ, 1986.
- GUERREIRO JR, Antonio Roberto. Ancestrais e suas sombras: Uma etnografia da chefia kalapalo e seu ritual mortuário. Tese de Doutorado, UNB. Brasília, 2012.
- Hymes, Dell. "In Vain I Tried to Tell You": Essays in Native American Ethnopoetics. Filadélfia: University of Pennsylvania Press. 1981.
- LEVI-STRAUSS, Claude. A Estrutura e a Forma: Reflexões sobre uma obra de Vladimir Propp. In: V. I. Propp, Morfologia do Conto Maravilhoso. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2010. PROPP, Vladimir Iakovlevich. Morfologia do Conto Maravilhoso. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, [1928] – 2010.
- OLSON, David Ryan.; TORRANCE Nancy. Cultura escrita e Oralidade. São Paulo, SP: Editora Ática. 1995.
- RODGERS, David. A Soma anômala: a questão do suplemento no xamanismo e menstruação Ikpeng. MANA 8(2):91-125, 2002.
- SAID, Edward W. Cultura e imperialismo; tradução Denise Bottiman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- STENZEL, Kristine; FRANCHETTO, Bruna. On this and other worlds: voices from Amazonia. Berlin: Language Science Press, 2017.
- STORTO, Luciana Raccanello. Línguas indígenas: tradição, universais e diversidade. Mercado de Letras. Campinas, SP. 2019.